



**ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA**

**TESTE DE PORTUGUÊS**

**11º ANO**

Ano Lectivo de 2008/2009

\*

Lê o excerto com muita atenção e depois responde às questões.

MARIA

*(saindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão Telmo que parece vir de pouca vontade)*

— Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, nesta casa é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção, e acabou-se!

TELMO

— Menina!...

MARIA

— «Menina e moça me levaram de casa de meu pai» — é o princípio daquele livro tão bonito que minha mãe diz que não entende; entendo-o eu. Mas aqui não há menina nem moça; e vós, senhor Telmo Pais, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é». E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossego. Aquele palácio a arder, aquele povo a gritar, o rebate dos sinos, aquela cena toda... oh! tão grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectáculo como nunca vi outro de igual majestade!... À minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos; vai a fechá-los para dormir e diz que vê aquelas chamas enoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar e a devorar tudo com fúria infernal... o retrato de meu pai, aquele do quarto de labor, tão seu favorito, em que ele estava tão gentil-homem, vestido de cavaleiro de Malta com a sua cruz branca no peito, aquele retrato não se pode consolar de que lho não salvassem, que se queimasse ali. Vês tu? Ela, que não cria em agouros, que sempre me estava a repreender pelas minhas cismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retrato é prognóstico fatal de outra perda maior, que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pai. E eu agora é que faço de forte e assisada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé neles. Creio, oh, se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar. E há... oh! há grande desgraça a cair sobre meu pai... decerto! e sobre minha mãe também, que é o mesmo.

TELMO

*(disfarçando o terror de que está tomado)*

— Não digais isso... Deus há-de fazê-lo por melhor, que lho merecem ambos *(cobrando ânimo e exaltando-se)*. Vosso pai, D. Maria, é um português às direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquela acção, que o vi, com aquela alma de português velho, deitar as mãos às tochas e lançar ele mesmo o fogo à sua própria casa; queimar e destruir numa hora tanto de seu haver, tanta coisa de seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tiranos... Oh, minha querida filha, aquilo é um homem! A minha vida, que ele queira, é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que ele valia.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

## Grupo I

1. Integra o excerto na estrutura da obra.
2. Comenta a importância que este excerto tem para o adensar da atmosfera trágica.
3. Faz o retrato psicológico de Maria a partir da linguagem e da pontuação presente nas suas falas.
4. Apesar de ausente nesta cena, Madalena está sempre presente no espírito das outras personagens.
  - 4.1. Indica as razões dessa sua “presença”.
  - 4.2. Caracteriza-a a partir deste excerto
5. Tendo em conta a obra que tens vindo a estudar, escolhe apenas **uma** das três respostas:
  - 1. No Acto II Madalena encontra-se doente:**
    - a) há sete dias.
    - b) há oito dias.
    - c) desde que Telmo lhe disse que D. João ainda estava vivo.
  - 2. Depois de Manuel de Sousa Coutinho ter voltado de Lisboa, isto ainda no Acto II, Madalena conversa com Frei Jorge e confessa-lhe:**
    - a) o seu pecado oculto.
    - b) o terror pela doença de sua filha Maria.
    - c) que está muito doente.
  - 3. No Acto III Manuel toma conhecimento:**
    - a) de que há um pedinte que diz ter visto o corpo de D. Sebastião.
    - b) de que há um pedinte que quer falar com ele e com Telmo.
    - c) de que há um pedinte na cela de Frei Jorge e espera que Telmo lhe fale.
  - 4. Manuel confessa ao irmão o sofrimento que o atormenta:**
    - a) sobretudo em relação ao seu futuro com Madalena.
    - b) sobretudo em relação ao destino da filha.
    - c) sobretudo em relação ao destino da família Sousa Coutinho.
  - 5. No final do Acto III D. Madalena tenta evitar:**
    - a) a separação do casal.
    - b) que Telmo interfira na catástrofe final.
    - c) que Maria sofra mais com o trágico desenlace.
  - 6. O Romeiro:**
    - a) pede a Telmo que vá embora daquela casa para sempre.
    - b) abandona o palácio e desaparece, mas para rumo incerto.
    - c) assiste a todo o desenlace sem nada dizer.
  - 7. O Sebastianismo é:**
    - a) a incapacidade em aceitar, ou reconhecer, que com a morte do rei tudo iria ser reorganizado.
    - b) a incapacidade em aceitar que com a morte do rei morria também o velho Portugal.
    - c) a incapacidade em aceitar, ou reconhecer, que com a morte de D. Sebastião, as famílias, tal como a dos Sousa Coutinho iriam ter que abandonar a sua condição de fidalgos.

## GRUPO II

1. Preenche os espaços em branco com as palavras adequadas.

- a.) Depois de a família ter abandonado o palácio, Manuel de Sousa Coutinho .
- b) Na primeira cena do acto II, diz-se que a família está no palácio de Almada há  dias.
- c) Na ausência de Manuel e de Maria, D. Madalena e Frei Jorge falam sobre o primeiro casamento de D. Madalena com  e o seu possível  da Batalha de Alcácer-Quibir.

d) A chegada do Romeiro ao palácio desencadeia a destruição definitiva do núcleo familiar de Manuel de S.

Coutinho, pois ele é D. João de Portugal, primeiro  de D. Madalen.a

e) Os medos de D. Madalena concretizaram-se com a chegada do Romeiro, passados  anos.

f) Ainda que Telmo se tenha mantido fiel ao seu primeiro amo, preferia que ele não .

g) A cerimónia da tomada do hábito do noviciado é interrompida, visto que  entra na igreja.

i) A obra Frei Luís de Sousa foi produzida por Garrett, no século .

2. Identifica o processo de formação dos seguintes vocábulos: “gentil-homem” e “enoveladas”.

3. Atenta na frase: “Que ele **queira** a minha vida...”

3.1. Indica o tempo e o modo da forma verbal presente na frase.

3.2. Reescreve a frase, fazendo as alterações necessárias, mas utilizando o verbo no pretérito imperfeito do Conjuntivo.

## GRUPO III

Opta apenas por **um dos temas** que te é proposto neste grupo:

### Tema A:

Recorda o estudo da obra prima de Almeida Garrett e demonstra a importância do **destino** e da **superstição** no desenrolar dos acontecimentos.

Desenvolve as tuas opiniões num texto expositivo-argumentativo bem estruturado de **cem a duzentas** palavras.

### Tema B:

Num texto expositivo-argumentativo bem estruturado de **cem a duzentas** palavras, desenvolve o seguinte tema: **O direito dos filhos ao amor dos pais é sagrado.**



## Proposta de correcção do teste do 11º sobre *Frei Luís de Sousa*:

### Grupo I

1. O excerto situa-se no início do Acto II, quando a família de Madalena teve de voltar para o palácio que fora de D. João de Portugal, devido ao incêndio que se verificou no palácio de Manuel de Sousa, no fim do Acto I.
2. Este excerto é pressagístico da situação de catástrofe que sucederá com a vinda do Romeiro: a imagem da casa e do retrato a arderem que Madalena diz ver quando fecha os olhos é prenúncio de que tudo será devorado; Maria acredita que «*são avisos que Deus nos manda para nos preparar*» e afirma que «*há grande desgraça a cair*» sobre os seus pais; a acção passa a situar-se no palácio onde estão as recordações de D. João de Portugal, as memórias, os agouros e as preocupações de Madalena («*Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossego*»)...
3. Maria revela-se precoce na capacidade de interpretar a desgraça e de lidar com ela. Perante a situação da mãe, procura, como diz, ser «*forte e assisada*», para «*animar*» a sua mãe, embora não deixe de acreditar na desgraça que se anuncia... Seguidora de Telmo na sua crença sebastianista; decidida, persistente e talvez mesmo teimosa («*E não teimes, Telmo, que fiz tenção, e acabou-se!*»).
4. 4.1 Maria e Telmo percebem que os medos de Madalena resultam de um grande temor de que a desgraça suceda. Maria apercebe-se de que os seus medos têm sentido; e Telmo, que nunca acreditou na morte de D. João de Portugal, também começa a sentir pairar o terror. Madalena racionalmente recusa a crença em presságios, mas pressente que algo de terrível vai acontecer.  
4.2 Madalena, neste excerto, surge como «*pobre mãe*», «*coitada*», que se encontra em pânico, aterrorizada com pressentimentos da desgraça; as imagens da casa e do retrato a arderem aterrorizam-na; sente-se debilitada, doente e infeliz...

### Grupo III

#### Tema do destino e da superstição no desenrolar dos acontecimentos

- O destino, à semelhança da tragédia grega, desenvolve-se passo a passo, brincando com os humanos, arrastando-os «*de forma cega para a desgraça*».
- Um presságio da desgraça percorre toda a obra.
- Percebe-se uma atmosfera de superstição, nomeadamente desenvolvida em redor de D. Madalena, de quem o terror se apodera...
- Desde o início, no *Frei Luís de Sousa*, as apreensões e pressentimentos de Madalena de que a paz e a felicidade familiar possam estar em perigo tornam-se gradualmente uma realidade.
- A reflexão, no início do Acto I, sugerida pelos versos de *Os Lusíadas* referentes ao destino de Inês de Castro, transmitem, de forma explícita, um presságio da desgraça que irá acontecer.
- Maria pressente a hipótese de ser filha ilegítima e vem a ser a vítima sacrificada.
- Telmo Pais alimenta a crença no Sebastianismo; e o destino, que o levou ao culto do seu amo desaparecido, leva o seu coração a passar de uma atitude de antipatia por Maria para um querer-lhe «*mais do que seu pai*».
- O incêndio e a necessidade de viver no palácio, que fora de D. João de Portugal, aumentam a tensão dramática; conduz as personagens para o espaço em que o destino as quer sacrificar.